O GLOBO
Publicado em 12/03/2022 - 05:57

'Inflação do diesel' já afeta alimentação e transporte

BRENNO CARVALHO

Nova realidade. Em posto na Zona Sul do Rio preço da gasolina já está em R$ 7,99. Valores do diesel e do gás de cozinha também subiram. Efeito deve se espalhar pela economia, segundo especialistas

APÓS REAJUSTE DE COMBUSTÍVEL

INFLAÇÃO DO DIESEL

Construção, alimentos e transportes já veem impacto em preços e custos

ELIANE OLIVEIRA
E GABRIEL SHINOHARA
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA

O aumento de quase 25% do preço do óleo diesel deve se disseminar rapidamente na economia e atingir preços que vão do transporte de passageiros ao frete de produtos, passando pela construção civil e por itens básicos do dia a dia, como os alimentos. No dia em que o reajuste anunciado pela Petrobras para os combustíveis entrou em vigor, representantes destas atividades afirmaram que, diante da incerteza quanto à duração da guerra na Ucrânia, o cenário a curto prazo é de alta da inflação, com aumento de custos repassados ao consumidor.

O diretor técnico da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Bruno Lucchi, disse que o agronegócio brasileiro será prejudicado como um todo. Os produtos com preços mais afetados são aqueles cujas cadeias são mais intensivas em mecanização, como cana-de-açúcar, soja, milho e café.

— O frete vai encarecer e afetar diretamente o orçamento do produtor rural. E quando há aumento dos preços dos combustíveis, há um repasse para todos os produtos e serviços da economia brasileira, uma vez que o principal modal que usamos é o rodoviário — afirmou Lucchi.

Os impactos também serão observados na construção civil. José Carlos Martins, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (Cbic), afirmou que o frete é um forte componente dos custos das empresas, e a alta será percebida mais rapidamente nas cotações de produtos como brita, areia e cimento.

— O óleo diesel é o básico para todos os nossos custos. Obras de terraplanagem, estradas, pontes. Esse insumo pesa muito — disse Martins.

ESTATAL TERÁ DE SE EXPLICAR

A principal preocupação da construção civil é com obras públicas, em que não há repasses de preços. A terraplanagem, por exemplo, é altamente dependente do óleo diesel. O risco, de acordo com o setor, é não conseguir executar os serviços sem algum tipo de compensação.

O dia ontem foi de mais reações à alta anunciada pela Petrobras, que inclui também um reajuste de 18,8% na gasolina e de 16,06% no gás de cozinha vendidos às distribuidoras. A juíza federal Flávia de Macêdo Nolasco, da 9ª Vara Federal do Distrito Federal, deu prazo de 72 horas ao presidente Jair Bolsonaro e à Petrobras para que expliquem o aumento anunciado pela petroleira no preço dos combustíveis.

> *"De imediato, quem sentirá mais o golpe é o setor de transporte e, em um segundo momento, toda a economia"*
>
> **Claudio Frischtak,** sócio-gestor da Inter.B

A Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon), ligada ao Ministério da Justiça, também cobrou esclarecimentos à Petrobras. O órgão ainda notificou a refinaria de Mataripe (BA), vendida pela Petrobras ao fundo árabe Mubadala, e deu prazo de dez dias para que empresa preste esclarecimentos sobre fornecimento e elevação nos preços dos combustíveis.

O aumento desencadeou uma série de cobranças por compensações para mitigar o impacto sobre a atividade econômica. O setor de transportes deve repassar os custos no preço do frete. Francisco Pelucio, presidente da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística (NTC&Logística), disse que o aumento do diesel deve fazer com que o custo do frete tenha um ajuste mínimo de 8,75%.

PRESSÃO POR SUBSÍDIO

Segmentos como o de transporte urbano pressionam o governo por subsídios para não repassarem os preços aos consumidores.

— Vamos dizer que o custo da prestação de serviço é de R$ 5 por passageiro: o prefeito decide fixar a tarifa em R$ 4 e tira dos cofres públicos R$ 1 para compensar a diferença que falta para estabelecer a tarifa de remuneração — disse o presidente-executivo da Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos (NTU), Francisco Christovam.

Na quinta-feira, o Congresso aprovou a redução do PIS/Cofins sobre o diesel e a mudança no ICMS sobre os combustíveis. O objetivo do governo é reduzir em R$ 0,60 o valor do litro do diesel.

Sócio-gestor da consultoria de negócios Inter.B, o economista Claudio Frischtak acredita que, apenas levando em conta a conjuntura atual, a inflação medida pelo IPCA em 2022 deve ficar entre 7% e 7,5%, ante uma previsão anterior de 5,5%. Ele ressaltou que, a curtíssimo prazo, o setor mais atingido será o de transportes.

— O problema é que o transporte é um insumo presente praticamente em todos os setores, direta ou indiretamente, da economia. De imediato, quem sentirá mais o golpe é o setor de transporte e, em um segundo momento, toda a economia. Você não sabe quanto tempo a guerra vai durar, e a gente não sabe a extensão e a intensidade das sanções e as retaliações — disse.

A Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias (ABCR), que reúne empresas que cuidam de estradas concedidas, lembra que o preço do asfalto subiu mais de 70% só no ano passado.

— Os aumentos do preço do asfalto comprometem o caixa das concessionárias e a capacidade de investimento das empresas — disse Marco Aurélio Barcelos, diretor-presidente da entidade.

Em outra frente, o governo também monitora a movimentação de caminhoneiros autônomos, insatisfeitos com o aumento do diesel. Ao GLOBO, o Ministério da Infraestrutura descartou o risco de paralisações.

(Colaboraram Geralda Doca e Mariana Muniz)

Querosene mais caro leva a alta nas passagens aéreas

Companhias também preveem redução na oferta de voos e defendem medidas do governo para conter disparada do combustível

IVAN MARTÍNEZ-VARGAS
ivan.martinezvargas@edglobo.com.br
SÃO PAULO

A forte alta dos preços de combustíveis causada pela guerra entre Rússia e Ucrânia já provoca aumento nos preços das passagens no Brasil e uma redução da oferta de voos. O querosene de aviação, derivado do petróleo, responde por um terço dos custos das linhas aéreas e tem mais de 50% de seus preços no Brasil indexados ao dólar, segundo a Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear).

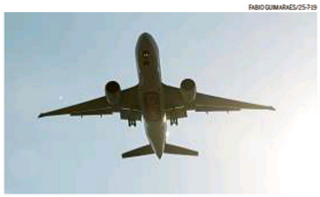
A associação tem defendido "medidas emergenciais (dos governos) de contenção de preços que possam ser tomadas durante a vigência do conflito". Na noite de ontem, o QAV foi incluído em texto sancionado pelo presidente Jair Bolsonaro que zera impostos federais sobre o combustível até o fim do ano.

A nova turbulência atinge o setor aéreo em um momento em que a demanda vinha em retomada e, na aviação comercial doméstica, aproxima-se dos patamares pré pandemia.

O presidente da Latam Brasil, Jerome Cadier, afirmou ao GLOBO que o momento voltou a ser de contenção, com estratégias para minimizar perdas.

— Nessa hora, precisamos reajustar preços de passagens. Uma série de voos que geravam margem deixaram de gerar de um dia para o outro com a volatilidade dos preços do petróleo. É preciso reajustar (os preços), isso afeta negativamente a demanda. Aí temos que reduzir a quantidade de voos. Isso já está acontecendo e vai continuar porque não sabemos o quanto vai durar essa guerra — afirma Cadier.

FABIO GUIMARÃES/25-7-19



Menos demanda. Aéreas notam movimento abaixo do esperado no país

Na Latam, o movimento será 10% abaixo do projetado e de 2% a 3% inferior ao pré-Covid. Também afetada pela situação, a Azul diz que a guerra da Ucrânia "traz consequências devastadoras para todos os setores da economia" e que resultou em aumento exponencial do valor de várias *commodities*, em especial do barril de petróleo".

A Azul admite que o cenário "poderá adiar uma retomada mais vigorosa", embora não mencione ainda redução de oferta de voos.

ALTA DE 76,2% EM 2021

A Abear, que reúne Latam e Gol, ressalta que o querosene de aviação já havia acumulado em 2021 alta de 76,2%, "superando as variações do diesel (+56%), gasolina (+42,4%) e gás de cozinha (+36%)".

O encarecimento do querosene nos curto e médio prazos "poderá frear a retomada da operação aérea, o atendimento logístico a serviços essenciais e inviabilizar rotas com custos mais altos", além de aumentar os prejuízos das três grandes aéreas brasileiras.

Quando vale a pena trocar a gasolina pelo álcool?

No ano, preço médio do litro do etanol já caiu 8,23% nos postos. Produto tende a ficar mais vantajoso em diversos estados após reajuste anunciado pela Petrobras

BRUNO ROSA
E CAMILLA ALCÂNTARA
economia@oglobo.com.br

O reajuste de 18,77% no preço da gasolina nas refinarias que entrou em vigor ontem deve fazer com que fique mais vantajoso abastecer o carro com etanol em vários estados do Brasil. Neste ano, o preço médio do litro do etanol vendido nos postos do país já caiu 8,23%.

Enquanto gasolina e diesel estão em alta devido à disparada do preço no petróleo no mercado internacional, o etanol está em queda com a proximidade da safra de cana-de-açúcar, cuja colheita tradicionalmente ocorre a partir de abril.

Mas, como saber quando vale a pena abastecer o carro com gasolina ou com etanol, no caso dos modelos flex, que são maioria no país?

É preciso levar em conta que o carro tem rendimento maior (ou seja, consome menos combustível) quando abastecido com gasolina. Isso varia ligeiramente dependendo do modelo do automóvel, mas, em média, o etanol rende 70% do que a gasolina proporciona.

Considerando esta relação, antes mesmo do reajuste da gasolina, em ao menos três estados do país o etanol já era mais vantajoso: Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Nas próximas semanas, o álcool deve ficar mais vantajoso em outros estados.

0,7
É o número para fazer a conta
Ao multiplicar o preço da gasolina por 0,7, se o resultado for superior ao preço do etanol, vale usar álcool

Para saber se vale a pena, basta multiplicar o valor da gasolina por 0,7. A partir daí é só comparar. Se o resultado for menor do que o valor do litro do etanol, abasteça com gasolina. Se for maior, abasteça com etanol.

Em Minas Gerais, por exemplo, o preço médio da gasolina na semana passada era de R$ 6,902 e o do álcool, de R$ 4,734. Neste exemplo, o valor da gasolina multiplicado por 0,7 dá R$ 4,831. O resultado é maior do que o preço do etanol, ou seja, o melhor é encher o tanque com álcool.

Antes mesmo do reajuste da Petrobras que passou a valer ontem, os postos já vinham elevando preços. O preço médio da gasolina no país estava em R$ 6,68 na pesquisa da Agência Nacional do Petróleo (ANP). O maior valor foi encontrado na Bahia, a R$ 8,77.

Na semana passada, o preço médio do diesel subiu 3,75% e chegou a R$ 5,81.

De acordo com a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), entidade representativa das principais unidades produtoras de açúcar, etanol e bioeletricidade da região Centro-Sul do Brasil, a safra 2022/23 começa logo no dia 1º de abril.

Segundo a Unica, os estoques de etanol são suficientes para atender a demanda no período de entressafra.

Ontem, o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da USP, apontou alta de 8,2% no preço do etanol na última semana, após uma série de baixas desde novembro do ano passado.

Gás de botijão já custa até R$ 110 após reajuste da Petrobras

Plataformas de transporte vão aumentar preço para ajudar motoristas

LETÍCIA LOPES, ANA FLÁVIA PILAR*, RODRIGO CASTRO E POLLYANNA BRETAS
economia@oglobo.com.br

CAETANO BARREIRA/REUTERS

Mais caro. Trabalhador carrega botijões de gás: revendedores já corrigiram preços após o reajuste da Petrobras de 16,06%

Além da corrida aos postos para encher o tanque, o dia foi de corrida até as revendedoras de gás após o reajuste de 16,06% anunciado pela Petrobras. Mas a alta do gás de botijão chegou em nove entre dez revendedores pesquisados nas zonas Norte e Oeste do Rio. O valor alcançou até R$ 110,90, com entrega em casa.

Em outro ponto de venda, em Cascadura, na Zona Norte, o botijão subiu de R$ 100 para R$ 105, e o vendedor já projeta um novo preço para os próximos dias. Segundo ele, hoje já estará R$ 115 e não dá para prever o preço da próxima semana.

Nos postos do Rio, os preços nas bombas ficaram até 8% mais altos. Após receber denúncias, o Procon Estadual do Rio iniciou fiscalização para apurar se houve aumento abusivo. No Humaitá, o litro da gasolina saltou para R$ 7,99, alta de 6%. Na Tijuca, o valor passou de R$ 6,79 para R$ 6,99.

Para o motorista de aplicativo Jean Carlos, de 27 anos, os cariocas que têm carro alugado ou financiado são os mais prejudicados:

— Hoje, tive a notícia do reajuste e fiquei desesperado, porque já parei de ir à praia e ao cinema — disse.

Não é só no Rio que os motoristas se deparam com preços mais altos. Em dias de bom movimento, o taxista Venâncio de Lima Silva, 56 anos, costumava fazer mais de 20 corridas no município de Jordão, no Acre. Com o reajuste no preço dos combustíveis, ele transportou apenas dois passageiros ontem e decidiu parar. O litro da gasolina é vendido a R$ 11,56 em um dos postos da cidade, um dos mais caros do país.

— Estou pensando em parar (de vez). Não tem condições. Se começar a passar para o consumidor, ele não tem como pagar — admite Silva.

As plataformas de transporte avaliam compensações. A Uber anunciou que haverá aumento temporário de 6,5% nos preços aplicados nas viagens a partir da próxima semana. O objetivo, segundo a empresa, é ajudar os motoristas a lidar com o pico de alta nos custos operacionais.

A 99 anunciou que vai reajustar em 5% por quilômetro rodado no ganho do motorista. Segundo a plataforma, o acréscimo será implementado já nos próximos dias, nas 1.600 cidades onde a empresa opera. A plataforma disse que está testando um "subsídio" para acompanhar flutuações dos combustíveis para cima e para baixo. Após testes, o novo recurso seria implementado, mas ainda sem data. *(*Estagiária sob supervisão de Danielle Nogueira)*

Bolsonaro sanciona projeto para reduzir combustível

Medida coloca pressão sobre os governadores para aderir a novo modelo de ICMS. Estados vão tentar definir alíquota única do imposto em 15 dias, mas veem risco de perder R$ 11 bi em arrecadação e pretendem ir ao STF

GERALDA DOCA
geraldadoca@oglobo.com.br
MARIA LIMA

O presidente Jair Bolsonaro sancionou na noite de ontem o projeto de lei complementar (PLP 11), aprovado na véspera pelo Congresso, que busca reduzir o preço dos combustíveis. O projeto altera, entre outras coisas, a forma de cobrança do ICMS, imposto estadual, e zera as contribuições federais do PIS e da Cofins sobre o diesel e o querosene de aviação até o fim deste ano. A isenção de PIS/Cofins terá impacto no preço do litro do diesel de R$ 0,33, segundo o governo.

O impacto do alívio nos três tributos federais é de cerca de R$ 20 bilhões, sem a contraparte. Dado isto e o risco de derrubada veto para evitar a perda na arrecadação. Já a redução do ICMS sobre combustíveis vai depender de cada estado. Segundo o presidente do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), Belivaldo Chagas Silva (PSD-SE), a expectativa é que 20 unidades da federação (UFs) adotem a medida.

De acordo com o projeto, que virou lei, os estados são obrigados a definir uma alíquota única de ICMS para os combustíveis em todo o país e substituir o cálculo de cobrança do imposto em vez de um percentual sobre o preço na bomba, será aplicado um valor fixo em reais sobre o litro do combustível. Outra exigência é a adoção de tributação monofásica, em apenas uma etapa da comercialização.

Se o estado não quiser aderir a esse modelo, terá de manter o valor congelado para o ICMS até 31 de dezembro de 2022 a partir de uma média de preços dos últimos 60 meses, uma alternativa que reduz a arrecadação dos estados. Neste caso, as estimativas apontam para perda de arrecadação de R$ 11 bilhões pelos entes federados ainda em 2022.

Atualmente, o ICMS sobre o diesel e a gasolina já está congelado por decisão do Confaz. Desde novembro de 2021, a fórmula de cálculo considera preços inferiores aos praticados no mercado. A medida duraria até 31 de março, e foi uma resposta dos governadores, diante da pressão para reduzir impostos. O Confaz vai se reunir na próxima semana e deve postergar a vigência do congelamento, diante da falta de tempo para uma adesão plena.

Para a diretora institucional do Comitê Nacional de Secretários Estaduais de Fazenda (Comsefaz), Andrè Horta, do ideal seria ter mais tempo para o ICMS não ficar tão simples.

— Será preciso calibrar muito os valores para não haver perdas nas arrecadações — afirmou Horta.

A expectativa dos governadores é que o Supremo Tribunal Federal (STF) declare o projeto inconstitucional. A base jurídica do Comsefaz para isso é que, de semana em semana, está para fechar o texto da ação a ser proposta à Corte.

Maior IPCA para o mês desde 2015 eleva pressão sobre BC

Índice em 12 meses completa um semestre acima de 10%. Com alta da gasolina, dilema é escolher entre frear economia ou preços

CAROLINA NALIN
carolina.nalin@oglobo.com.br

A inflação acelerou e subiu para 1,01% em fevereiro, segundo dados divulgados ontem o IBGE. É a maior taxa para o mês desde 2015, quando o índice foi de 1,22%. Com o resultado, o indicador tem alta de 10,54% em 12 meses. É sexto mês seguido em que a inflação acumulada em 12 meses ultrapassa 10%.

O resultado veio acima das expectativas do mercado financeiro. A projeção era de 0,92% para o mês e de 10,38% para o IPCA em 12 meses. Já para pessoas ouvidas pelo Focus em março, com os reajustes de 18,77% na gasolina e de 24,9% no diesel, anunciado ontem pela Petrobras, o banco Santander capitaliza no índice de inflação. A gerente de Risk e Urbana deve produzir impactos mais fundeados sobre os serviços agrícolas, pressionando o preço dos alimentos, que devem permanecer elevados ao longo de todo o ano, segundo a instituição.

Na próxima semana, o Comitê de Política Monetária (Copom) se reúne para decidir sobre a Taxa Selic, atualmente em 10,75% ao ano. Mesmo com a inflação acima do esperado e mais pressões sobre alimentos e combustíveis, analistas não estão certos de que o Banco Central (BC) vá subir ainda mais os juros, diante da incerteza do cisne maior da atuação da economia.

O BC será depois a ata do Copom, divulgada na quinta-feira, que pode dar mais pistas sobre os próximos passos. Mas se não sair a ata, o mercado pode ser alarmado ainda mais do meio.

O economista Luiz Roberto Cunha, professor da PUC-Rio, calculou que a inflação pode subir para 11,5% em 12 meses, caso haja uma variação de 1% acima de 11% em 12 meses. Mas ele não vê espaço para a Selic superar a 13% este ano.

— Se o BC fosse atuar a fim de reverter taxas a inflação para meta (em 2023), ele teria uma dificuldade muito grande. O que teria a dizer mais do que isso, que pode ser usado para conter novas altas dos combustíveis ou até mesmo parte do aumento, caso o preço do petróleo não suba mais, não tem como que o BC vá ser mais duro. Enquanto a zona não for curta ou mais longa.

Gustavo Arruda, estrategista-chefe do banco digital Modal, trabalha com projeção preliminar de 1,10% para o IPCA em março. "Imaginamos a inflação com composição dos fatos, com fortes pressões advindas do lado industrial. Como agravante, as incertezas geopolíticas e seus impactos no câmbio e no petróleo adicionam mais prudência ao nosso cenário", disse Sachsida, em comentário.

GUERRA AFETOU ECONOMIAS
Inflação em novos grupos de produtos e serviços pesquisados tiveram alta de preços em fevereiro. O principal impacto veio do grupo Educação, que subiu 6,58% no mês, na maior alta para o período desde 2016. O governo da pesquisa, Pedro Kislanov, explica que não incorporada neste período os reajustes de custos das escolas particulares, o maior vilão do bolso das famílias em janeiro. Em razão da inflação, que encerrou 2021 em dois dígitos, a alta no grupo Educação foi a maior para o mês de fevereiro desde 2016, quando chegou a 7,90%.

— Como a inflação no ano passado foi muito alta, 10% e os reajustes de contratos são feitos com base na inflação passada, esses reajustes acabaram impactando o resultado.

O clima alerta as lavouras de legumes e verduras, assim o grupo alimentação e bebidas, que subiu 1,25% mais ou menos em cenário, 55,41%. No avaliação de economistas, a inflação deve superar 7% ao a pode chegar a 8% caso confirmem-se Rússia e Ucrânia se prolongue. O teto meta é de 5% este ano.

Cenoura dispara 55%, e quilo chega a superar R$ 13

Tubérculo foi o alimento com maior alta este ano e já dobrou de preço em 2022. Batata e hortaliças também subiram

LETÍCIA LOPES
leticia.lopes@oglobo.com.br

Pela metade. Angelita Alves corta a quantidade de cenoura que compras

O que o consumidor já percebeu nas gôndolas dos supermercados e na mesa do restaurante, o IBGE confirmou ontem: a cenoura disparou no preço. Entre, com alta de 55%, o já dobrou de preço em 2022.

Um dos legumes mais presentes na mesa do brasileiro foi o alimento com maior alta no mês passado, mostra o resultado do IPCA, índice de inflação usado nas metas do governo, calculado pelo IBGE.

O quilo da cenoura já chega a superar R$ 13 em algumas capitais, o tubérculo ficou mais raro no cardápio de restaurantes e virou notícia nos telejornais.

Nas estatísticas da inflação, a alta foi de 98,36% este ano. É de longe o maior aumento entre os alimentos. A batata-inglesa já subiu 35,41%, as hortaliças e verduras tiveram alta de 24,77% e o café, de 7,38%.

A presidente Angelita Alves, de 70 anos, reduziu em mais da metade a quantidade de cenouras que estava acostumada a comprar. Para a família de quatro pessoas, ela agora leva apenas duas unidades do legume, vendido a R$ 12,90 o quilo.

— Levei um susto quando vi o preço. Estou um absurdo. Estou levando bem menos do que compro. Só assim está dando para comunicar — contou.

A diarista Adriana Lima, de 46 anos, foi a dois supermercados em Copacabana, na Zona Sul do Rio, em busca de cenoura por um preço mais barato. Acabou desistindo.

— Simplesmente deixar para trás. Não tem condições. Não tem como pagar. Nos dois, o quilo custava o que R$ 10. Não o comprei.

Segundo o relatório do BC Pedro Kislanov, chuvas atrapalharam o escoamento das safras e provocaram aumento nos preços dos produtos in natura no último mês.

— Devem lado, tiveram o impacto da guerra na Ucrânia. Sabemos, que é grande produtora, por exemplo, de cereais. Por outro lado, tivemos estiagem no Sul do país, em o Paraná é grande produtor de batata. Esses dois componentes acabaram prejudicando a oferta e, consequentemente, os preços no mercado.

Copyright © Clipclap 2025.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Pagina:** 13 a 15

Copyright © Clipclap 2025.